

**JAIME, Jorge - *Temas filosóficos*. Rio de Janeiro: edição do próprio Autor, 2003, 332 p.**

Jorge Jaime celebrizou-se com uma *História da Filosofia no Brasil*, em quatro volumes (quase duas mil páginas), distribuídos, entre 1997 e 2002, pela Editora Vozes, de Petrópolis, e pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo. Escreveu, além disso, mais alguns livros, entre os quais *Ser e valor* (que os comentaristas receberam com elogios) e *Deus, como entende-lo?* Agora, amplia sua lista de produções com este volume de ensaios.

O livro é muito “desigual”. Contém 19 comentários, de variadíssimos tipos – dados biográficos (Descartes, cap. 2); análise de um diálogo de Platão (*Fedro*, cap. 3); descrição de um evento (A inauguração da Academia Brasileira de Filosofia, cap. 18); análise de temas axiológicos (Esboço de moral científica, cap. 11) e sociológicos (Educação sindical, cap. 7); resenhas (Diário de um filósofo, cap. 19). Jaime também chega a (re)esboçar certas idéias defendidas no passado (A sistemática, cap. 10).

A diversidade dos temas – sem “fio condutor” a uni-los -- permite leitura “salteada”, de acordo com a disposição de momento. Dificulta, porém, a tentativa de formar opinião a respeito da obra. Ignoro a dificuldade. Limito-me a comentar alguns ensaios.

No primeiro deles, Jaime lembra que o Direito se destina a fomentar o bem comum, a justiça e a segurança (p.30). Acredita que a ciência médica poderá afastar as mazelas da espécie humana, tornando supérfluo o Direito, por falta de uso (p. 34). No quinto, reproduz, com ligeiras modificações, o autorretrato que elaborou para a antologia organizada, em 1976, pelo Pe. Stanislavs Ladusans (*Rumos da filosofia atual no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola), sublinhando que deseja fazer-se presente em outras consciências “na esperança de que as minhas idéias possam, num futuro, frutificar em prol dos injustiçados, dos espoliados, dos oprimidos.” (p 83). A conclusão desse quinto ensaio (p. 105-6) reforça os desejos aqui expressos.

No terceiro ensaio, o Autor dá atenção a três filósofos mexicanos, Antonio Gomes Robledo, Leopoldo Zea e Agustín Basave Fernández Del Valle. Adiante (oitavo ensaio), Jaime apresenta o que considera “nova ciência”, a estruturologia, cuja missão (p.134) seria fundamentar a axiologia – examinada no ensaio seguinte.

No ensaio dez se descreve o “método da visões sucessivas”. As idéias aqui expostas acham-se, obviamente, em fase de gestação e, em vista disso, não se apresentam de modo claro. Ver, p. ex., as “definições” de ‘processo’ ora visto como “qualquer reunião de partes, estruturadas num todo” (p. 155), ora visto como “qualquer unidade dinâmica estruturada” (p. 159). Notar, ainda, que Jaime usa a expressão

“processos iguais”, sem que tal igualdade tenha sido caracterizada (p 154), geradores de “idêntica potência energética”, mais um termo de significação dúbia. Na p. 163, o Autor fala de “campo processual”, usando um cubo a fim de ressaltar que é possível “grafar” esse campo em até quatro visões – olvidando que o cubo, a rigor, tem seis faces.

A moral científica vem ligeiramente examinada no décimo primeiro ensaio. De acordo com Jaime, a ciência exige 1) fatos observados, com clara delimitação do objeto a ser focalizado; e 2) princípios básicos em que apoiar novos conhecimentos (p.167). Assim, é viável uma ética científica, pois dispõe de objeto a focalizar (o Bem) e de princípios básicos (o Homem e sua afirmação). Jaime ressalta que visões sucessivas – e progressivas -- (o individual, o coletivo, os agrupamentos de coletivos, a humanidade, a relação da humanidade com o Universo), atuarão como “o” método de avaliação dos conhecimentos (adquiridos).

Na p. 171 encontra-se curiosa passagem. Resumindo, eis a idéia do Autor:

Ninguém deseja nascer doente ou defeituoso, prenúncios de negação do seu próprio ser. Logo, os casais deverão estar sadios no ato da concepção. O exemplo permite ver que a Moral antecede ao homem existencial, contrariando o que nos ensinam os existencialistas, defensores de morais individuais ou minoritárias.

O ensaio termina com esta nota: “Só à ciência caberá a responsabilidade de nos responder onde há o mal ou o bem. A evidência será a norma comum.”

O décimo-quinze ensaio destina-se a avaliar as contribuições que o Colégio Pedro II prestou à filosofia. Jaime comenta, em especial, as figuras de Gregório Lipparoni, Silvio Romero, Farias Brito e Euryalo Cannabrava.

Retomando a linha de seus comentários para a *História da Filosofia no Brasil*, Jorge Jaime, encerrando seu *Temas*, analisa obra inédita de Julio Cabrera, professor de filosofia da Universidade de Brasília – que ousa ser original. Endossa (com meu apoio integral) uma afirmação desse professor, ressaltando (p. 320) que “um filósofo não é de nenhum lugar, é, simplesmente, um filósofo”. Ótimo...

Res. – Nov. 2003.